

NIETZSCHE: Um olhar estético sobre a vida

NIETZSCHE: an aesthetic vision about life

Henrique Fernandes de Castro *

A XXIII Semana Filosófica da PUC Minas teve como tema a relação da filosofia com a arte. Essa comunicação investiga a concepção estética nietzschiana como resposta às críticas feitas pelo filósofo alemão à tradição do pensamento ocidental. Tal olhar estético sobre a vida permite relacionar filosofia da arte com a ética e a política, a epistemologia e a ontologia.

Nietzsche descreve, no prefácio de *Ecce Homo*, sua atitude filosófica em termos que marcam perfeitamente a ruptura que estabelece com a tradição ocidental. Temos nesse trecho uma das características do filósofo alemão que é a de desconstrução de ídolos.

Melhorar a humanidade? Eis a última coisa que eu prometeria. Não esperem de mim que eu erija novos ídolos! Que os antigos aprendam antes quanto custa ter pés de barro! Derrubar “ídolos” – é assim que chamo todos os ideais –, esse é meu verdadeiro ofício. É inventando a mentira de um mundo ideal que se tira o valor da realidade, sua significação, sua veracidade... A mentira do ideal foi até agora a maldição que pesou sobre a realidade, a própria humanidade se tornou mentirosa e falsa até o mais fundo de seus instintos – até a adoração dos valores opostos àqueles que poderiam lhe garantir um belo crescimento, um futuro. (NIETZSCHE, 2008, p.16).

O fim da filosofia agora é desconstruir as ilusões que embalaram a tradição ocidental. Nietzsche é um desconstrutivista, alguém que passou a vida dando surras nas ilusões da tradição filosófica.

No entanto, todos os ideais que sofrem as investidas do martelo filosófico nietzschiano são pressupostos que fundamentam uma ética e desconstruir tais pressupostos implica numa desconstrução desta.

As críticas feitas por Nietzsche a todos os pretensos ideais da trajetória do pensamento ocidental acarretam um problema cuja solução tende a uma concepção estética e de afirmação da vida como devir. Autores como Roberto Machado e Maria José Rago

*Mestrando em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Campos apresentam essas características em obras como: “*Nietzsche e a Verdade*” e “*Arte e Verdade*” respectivamente.

Machado em seu livro “*Nietzsche e a Verdade*” evidencia a postura desconstrutivista de Nietzsche e afirma: “o que interessa a Nietzsche é realizar uma crítica radical do conhecimento racional tal como existe desde Sócrates e Platão” (MACHADO, 2002, p.7).

As críticas de Nietzsche recaem sobre um determinado ideal, um ideal ascético. O filósofo alemão considera tais ideais como doutrinas que negam a vida, pois se estruturam em fundamentos “transmundanos”.

As investidas de Nietzsche conseqüentemente enfraquecem uma ética que se baseia em ideais ascéticos. Surge uma questão: o fim de determinado *ethos* culmina no fim do homem que nele se orienta? O que resta destas ruínas? Heidegger em seu texto “*A Palavra de Nietzsche: Deus Morreu*” diz:

Se Deus morreu, enquanto fundamento supra-sensível e enquanto meta de tudo o que é efetivamente real, se o mundo supra sensível das idéias perdeu a sua força vinculativa, e sobretudo a sua força que desperta e edifica, então nada mais permanece a que o homem se possa agarrar, e segundo o qual se possa orientar. (HEIDEGGER, 2007, p.251).

Para Laterza, o fundamental foi que Nietzsche, de maneira autêntica, inaugurou como parte central de sua filosofia esta perspectiva.

Ele o faz em uma categoria estética. No fenômeno trágico, percebe ele a verdadeira natureza da realidade. O problema estético, a seus olhos, adquire o nível de um princípio ontológico fundamental. A arte, o poema trágico, torna-se nele a chave que lhe abre a vida essencial do mundo. (LATERZA, 1985, p. 25).

Machado reforça essa tese, ao afirmar que as críticas de Nietzsche aos ideais ascéticos o “conduzirá à apologia da arte e da filosofia trágicas como forças capazes de controlar o instinto de conhecimento e instaurar um tipo de vida e de conhecimento determinado por valores artísticos.” (MACHADO, 2002, p.12).

Sendo assim, no pensamento de Nietzsche é possível analisar uma abertura para outro tipo de compreensão da realidade; anuncia-se então uma nova experiência de ser, uma filosofia sem as ilusões metafísicas.

Campos, ao analisar o pensamento de Nietzsche e Heidegger em relação a arte e verdade, evidencia que “em ambos, a crítica da verdade metafísica conduz à eleição da arte, não para substituir o conhecimento, a filosofia, mas para testemunhar a postura primeira que o homem adota diante do mundo, que é a postura estética.” (CAMPOS, 1992, p.17).

Em meio a essas concepções artísticas apresentadas por Nietzsche é possível realizar uma análise crítica sobre o que há de relevante na proposta estética deste filósofo, como uma resposta à crise da razão que marcará o ocidente no século XIX, problema que se reflete também no âmbito ético.

Sistemas éticos que se fundamentam em pressupostos metafísicos propõem uma reflexão sobre os costumes humanos em busca de princípios universalizáveis. Porém, alijam deste horizonte analítico o que não se enquadra aos seus ideais de liberdade, responsabilidade e autonomia. Como sinaliza Nietzsche, é a própria concretude do mundo que é rejeitada; a hegemonia racional exclui de seus planos, aqueles valores que não respondem aos imperativos dos saberes éticos-metafísicos tratando-os como “aberrações do mundo”.

Tais discursos logocêntricos mantêm-se no âmbito teórico em que problemas silogísticos são resolvidos, porém algumas dificuldades existenciais de um mundo real, empírico, muitas vezes são esquecidos. Tais ideais aplicam suas teorias ao mundo, partindo do pressuposto de que são fundamentos reais e totalmente válidos. No entanto, na vida ordinária, há situações que não se enquadram nas doutrinas já criadas e prontas, daí surgem problemas como a discriminação, exclusão, segregação, entre outros. O que não se molda ao ideal não é válido e é inferior, é tratado como “aberração”. Sendo assim, a proposta de Nietzsche identifica uma origem não metafísica da experiência de ser e afirma a vida como experiência trágica. Nos dias de hoje, o discurso ético ainda mantém uma relação com as ilusões metafísicas. Isto implica num esquecimento do mundo, Tal como nos diz Nietzsche. Portanto, o estudo da crítica ao pensar ético, em Nietzsche, permite pensar em uma forma de convívio social que evite tais problemas, na medida em que, ao criticar a unidade da razão, abre para discussões sobre as singularidades e as diferenças.

Assim a crítica do conhecimento e das instituições que nele se estruturam visa:

(...) dar novo sentido ao pensamento: em lugar de um conhecimento, no qual a “verdade” seja norma absoluta, e que se oponha à vida, um pensamento que possa afirmá-la. Somente assim se justifica a inversão socrática: o pensamento deixa de

ser “razão”, torna-se um meio legítimo (ativo) para celebrar a vida. Por isso a interpretação ultrapassa a “verdade” como valor e busca a inocência, porque pensar é criar. (CAMPOS, 1992, p.51).

Palavras-chave: Desconstrução, estética e ética

Referências

CAMPOS, Maria José Rago. **Arte e Verdade**. São Paulo: Loyola, 1992.

HEIDEGGER, Martin. **Caminhos da Floresta**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2007, p.243-305.

LATERZA, M. **Nietzsche e o nascimento da tragédia**. Kriterion, 1985, p. 19-37.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a Verdade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a Polêmica Sobre "O Nascimento da Tragédia"**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Visão Dionisíaca de Mundo**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce homo**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia, ou, helenismo e pessimismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.